

AS LINHAS POÉTICAS DE INÊS PEDROSA

Ulysses ROCHA FILHO (FAPEG);

ulysses.rochafilho@gmail.com

Dr. Jorge Alves SANTANA (ORIENTADOR)

jasantana1@uol.com.br

Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras

A discussão da amizade ou do amor platônico, das missivas entre seres perdidos em sua existência são recorrentes na obra de Inês Pedrosa (1962). Sob este aspecto, a formatação do chamado insólito proporciona caracterizações poéticas da forma com são (re)apresentados os sentimentos (prosaicos) em plena pós-modernidade: amor e paixão, convivência e ausência, prazer e dor, amizade e morte nos romances *pedrosinos*. Pelo exposto, proporemos a teoria da narrativa poética, definindo-a como uma forma transitória entre o romance e o poema (Jean-Yves Tadié), ou seja, como um tipo de narrativa que toma ao poema os meios de ação e os efeitos, devendo sua análise considerar tanto as técnicas de descrição e a ficção do romance quanto os procedimentos que remetem a teoria romanescas. A partir de conceitos elaborados sobre o tempo e a memória (Henri Bergson, Walter Benjamin, Gilles Deleuze, Hans Meyerhoff, dentre outros) perfilaremos os desdobramentos dos testemunhos de personas que estão na fronteira da vida/morte nos romances da escritora (mormente *Fazes-me Falta*, *A eternidade e o Desejo* e *Nas Tuas Mãos*). Nos romances, a constituição da realidade psíquica está ligada à entrada do sujeito na linguagem, à fundação do inconsciente, aos conceitos de real e irreal, vida e morte e, conseqüentemente, a uma perda do vínculo com o referente externo (“Ela partiu, ele vive. À distância da ausência, ouvem-se finalmente...” – do romance *Fazes-me Falta*), é um exemplo.

Palavras-chave: prosa poética – literatura contemporânea – Eros e tãatos.

AS LINHAS POÉTICAS DE INÊS PEDROSA

Ulysses ROCHA FILHO (UFG/FL-FAPEG);

ulysses.rochafilho@gmail.com

Dr. Jorge Alves SANTANA (ORIENTADOR)

jasantana1@uol.com.br

Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras

INTRODUÇÃO

A *poética* de Inês Pedrosa¹, apresenta enredos fragmentados, quase discursivos, com reflexões de caráter político, filosófico, histórico. Nesse aspecto, seus romances propõem uma ruptura com a tradição na medida em que coloca a relação amorosa em plano secundário e centraliza o tema da amizade.

A paixão pela perda é o elemento mais forte de sua narrativa. Em *Fazes-me Falta*, se os personagens não concretizaram o amor-amigo, depois da morte da mulher, tanto o homem quanto a mulher (onde quer que esteja) lamentam a não efetivação daquele amor na escala da convivência a dois. Vozes veladas vão descortinando a perda, a ausência, a dor do não-dito, a saudade dos pequenos prazeres, a descoberta de serem indivíduos solitários _ seja no percurso terreno ou em um plano superior.

MATERIAL E MÉTODOS

O mesmo ocorre, sentimento de perda, em *A Eternidade e o Desejo*, em *Nas Tuas Mãos* e no recentíssimo *Os Íntimos* (2010). Por causa da tristeza de um momento, do sentimento de perda de uma pessoa querida, das

¹ Jornalista e escritora, nascida em Coimbra, mas tomarense (segundo a própria, não nasceu em Tomar apenas porque não existia na cidade, em 1962, uma maternidade... 40 anos depois, a situação mantém-se!...). Foi diretora da revista *Marie Claire* em Portugal, de 1993 a 1996. Estreou-se na literatura em 1991, com o livro infantil *Mais Ninguém Tem*. No ano seguinte, surge o seu primeiro romance, *A Instrução dos Amantes*. Em 1997, lança *Nas Tuas Mãos*, que lhe vale o Prêmio Máxima de Literatura. Publicou depois *Fazes-me Falta* (2003) e *A Eternidade e o Desejo* (2008) e *Os Íntimos* (2010). É, desde fevereiro de 2008, diretora da Casa Fernando Pessoa. Inês Pedrosa é casada com o escritor e professor universitário Fernando Pinto do Amaral.

reminiscências do vivido ou da paralisação de uma vida frente a determinada situação, tais romances roçam o limiar da poesia, pelo inusitado da situação, pelo silêncio quebrado somente pós-morte ou pelo altar erguido ao culto da amizade e do amor.

As trocas inter-subjetivas da vivência cotidiana fazem parte desse conjunto significativo. As restrições da semiótica não se referem, portanto, às dimensões em que se dá o trânsito de significações entre os sujeitos, se numa carta, num romance, numa tela ou num banco de jardim com a natureza de paisagem ao fundo. Apenas ela sustenta que qualquer vociferação sobre o sujeito ou sobre a subjetividade do sujeito só possa ser edificada com as informações semânticas catalisadas nas manifestações discursivas, nos textos ou nos inter-textos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Surpreendentemente, a tradicional relação amorosa, centro de toda a tradição romanesca, não representa nas obras em destaque um papel primordial. Importa, sim, nas linhas poéticas da romancista, a discussão da temática da amizade frente a uma situação limítrofe. É nisso que se manifesta a consciência do ser humano. O texto constrói uma atmosfera em que o leitor se sente mergulhado e perplexo, porque não entende, tal como as personagens, esse mundo fragmentado.

1. Estou sozinho. Sozinho com o coração em bocados espalhados pelas tuas imagens. Já não posso oferecer-te o meu coração numa salva de prata. Alguma vez o quis? Alguma vez o quiseste? Dava-me agora jeito um deus qualquer para moço de recados. Um deus que te afagasse os cabelos e me recordasse como eram macios. Um deus que me libertasse desta imagem fixa do teu corpo encaixotado. Logo tu, que tantas vezes te rias daquilo a que chamavas o meu "encaixotamento compulsivo":

— Um dia chego cá e encontro-te no meio dessa papelada, morto de cansaço, pronto a encaixotar. Olha, eu é que não te empacoto — ganhei medo a mortos.(...)

Descansa em paz. Fizeste uma morta bonita — mais bonita e serena do que alguma vez foste, cachopa. Compuseram-te a imagem. Disso vivem as figuras públicas, mesmo na morte. Viva a imagem. Talvez fosse melhor não te ter visto, não ter beijado a tua testa. Agarrei-me a essa derradeira nota do teu calor. Ficaste-me com um travo a incenso e flores mortas. O cheiro do amor vedado que abandonáramos pela paisagem na nossa pré-história. Chamo--lhe amor para simplificar. Há palavras assim, que se dizem como calmantes. Palavras usadas em série para nos impedir de pensar. O que existia, existe, entre nós, é uma ciência do desaparecimento. Comecei a desaparecer no dia em que os meus olhos se afundaram nos

teus. Agora que os teus olhos se fecharam sei que não voltarás a devolver-me os meus. (PEDROSA, 2003, p. 11-12).

A literatura tornou-se (e se torna) um paciente que deve ser analisado _ não através apenas de uma leitura, mas é necessário *ouvi-lo* assim como a qualquer outro paciente. Na obra pedrosa, cabe ao leitor ser este ouvinte/leitor.

Toda a obra de Inês Pedrosa (incluindo *A Eternidade e o Desejo*, de 2008) reflete a angústia do homem contemporâneo: solitário, temeroso das relações, desesperançoso em relação ao amor (embora deseje amar e ser amado) e em constante busca de uma disposição afetiva. O homem moderno está incompleto e angustia-se por sua incompletude, preso a preceitos de vida e de morte metafóricos².

Seus romances são infestados pela presença de tanatos³. O referencial morte é o ponto de partida de seus romances mais famosos: *A Instrução dos Amantes*, *Nas tuas Mãos*, *A Eternidade e o Desejo* e, obviamente, *Fazes-me Falta*. Enquanto os corpos estão vivos, tudo à volta parece arruinar-se. Didaticamente, podemos citar as mortes dos personagens: Mariana em *A instrução dos Amantes*, os amantes de Camila em *Nas tuas Mãos*, o noivo da cega Clara de *A Eternidade e o Desejo* e, naturalmente, a morte da personagem inominada de *Fazes-me Falta*. Todos os episódios (envolvendo morte dos personagens) são norteadores das narrativas citadas e desencadeiam as vigas mestras da respectiva narrativa.

As mortes metafóricas (do relacionamento entre dois seres, da ausência da amizade, da cumplicidade acadêmica, dos doces sabores de um bom vinho, da presença amiga do diálogo etc), distanciadas do corpóreo, espalham-se por *Fazes-me Falta*, como se a vida fosse um enorme cemitério onde todos os elementos concretos e abstratos vão sendo enterrados antes da partida final: a Morte.

Como partes apreendidas para compor o todo, as personagens anseiam pelo reencontro. Em *Fazes-me Falta*, o fato de ocuparem lugares distintos traz angústia e solidão. Por isso que a obra é marcada pelo signo da dor da perda e pela tentativa frustrada de minimizá-la na manutenção do luto que ela também cultiva, pois do espaço da morte, ele é quem está morto.

² Interessante ressaltar que o vocábulo homem é, realmente, alusivo ao ser masculino vez que a autora, em 2010, lança o romance *Os Íntimos*, protagonizado por cinco homens. Até então, sua obra era considerada de ótica feminina e feminista envolvendo somente protagonistas femininas na temática aqui abordada.

³ Na nomenclatura psicanalítica de Freud, Tanatos é o conjunto dos instintos de morte, um impulso urgente e inconsciente de morrer, contrapondo-se a Eros, o instinto de vida. Na mitologia grega, duas figuras se opõem: Eros, o deus grego do amor, e Tanatos, a personificação da morte. Esses dois personagens foram resgatados por diversos filósofos para explicar a dualidade entre a morte e o desejo. No lançamento das Edições Loyola, *Eros e Tânatos: a vida, a morte e o desejo*, o autor Rogério Miranda de Almeida faz uma análise profunda da obra dos filósofos que tentaram interpretar esse “eterno conflito da construção e da destruição, da vida e da morte, do ódio e do amor, da satisfação e da insatisfação”.

Sofre-se, no entanto, ainda mais ao manter a todo custo o outro vivo. Apenas o amor não tolera a morte. Eles vivem esse afeto maior e não permitem que se finde diante de diversos tãnatos.

CONCLUSÃO

A título de uma pretensa finalização, a obra de Inês Pedrosa reflete, de fato, a angústia do homem contemporâneo: solitário, temeroso das relações, desesperançoso em relação ao amor (embora deseje amar e ser amado) e em constante busca de uma disposição afetiva. Esse homem, dito pós-moderno, está incompleto e angustia-se por sua incompletude. Por isso romance é infestado pela personificação do elemento “morte” metafórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Trad. Grupo CASA. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

DASTUR, Françoise. **A Morte: ensaio Sobre a Finitude**. Tradução de Maria Tereza Pontes. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

JOSEF, Bella. **O Fantástico e o Misterioso**. In: JOSEF, Bella. A máscara e o enigma. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A ;Eduel, 2006, pp. 180-190.

LAGUARDIA, Angela Maria Rodrigues. **Fazes-me Falta, de Inês Pedrosa: Uma Alegoria Contemporânea da “Saudade”**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Faculdade de Letras, 2007.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões**. São Paulo: Ática, 1993, p. 159-164; 190-195.

PAZ, Octavio. **A Dupla Chama: Amor e Erotismo**. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 2001.

PEDROSA, Inês. **Fazes-me Falta**. São Paulo: Planeta, 2003.

_____. **Noante, Segundo Inês Pedrosa** – entrevista – Mulher Sapo PT. Disponível em: <<http://www.ciberduvidas.sapo.pt/php/resposta.php?id>>. Acesso em: 04.05.2011.

TADIÉ, Jean-Yves. **Le récit poétique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1978.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Da morte. Metafísica do amor. Do sofrimento do mundo**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/smartsection/item.php?itemid=1013>
acesso em: 20 março de 2011.